Dia 22 — São Maurício e seus Companheiros, Mártires

Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires da Legião Tebana: Maurício, Exupério, Cândido, Vítor, Inocêncio e Vidal, com seus companheiros da mesma Legião, em Saint-Maurice de Valais, na França; os quais, morrendo por Cristo no tempo de Maximiano, com seu glorioso martírio ilustraram o mundo. (Veja-se sua história neste dia, com a notícia do corpo de São Cândido.)

O martírio das santas virgens Diana e Emérita, em Roma, no tempo de Valeriano e Galieno; suas relíquias se conservam na igreja de São Marcelo.

São Jonas, presbítero e mártir (grego de nação), em Chartres, o qual acompanhou São Dinis em sua missão à França; e por mandato do prefeito Juliano foi açoitado e logo degolado.

São Emerano, bispo e mártir, em Ratisbona, na Baviera; o qual, para libertar a outros, padeceu com fortaleza uma morte atroz por amor a Jesus Cristo.

Santa Iraís (ou Iraida), virgem de Alexandria, e seus companheiros, mártires, em Antinópolis, no Egito; a qual, indo por água a uma fonte vizinha, alcançou ver o prefeito da cidade, que esperava uma embarcação que se aproximava cheia de gente. Havendo perguntado a santa virgem que gentes eram aquelas que traziam na nau e contestado-lhe que aquela era uma nau em que iam muitos Confessores de Cristo, ao ponto, arrojando o cântaro, juntou-se a eles e foi conduzida à dita cidade, onde, depois de muitos tormentos, morreu degolada a primeira de todos: seguiram-se os presbíteros, os diáconos, as virgens e todos os demais, que padeceram o mesmo suplício.

São Santino, bispo, na cidade de Metz, discípulo de São Dionísio Areopagita, por quem foi consagrado bispo daquela cidade e o primeiro que pregou nela o Evangelho.

São Lauto, ou Lô, bispo, na diocese de Constança.

São Florêncio, bispo, numa aldeia de Poitiers.

São Silvano, confessor, nas vizinhanças de Bourges.

Santa Salaberga, abadessa, em Laon. (Sendo cega desde a infância, recobrou milagrosamente a vista pelas orações e a bênção de Santo Eustásio, abade de Luxeuil. Contraiu matrimônio com um cavaleiro jovem, que a deixou viúva a pouco tempo e, ainda que ela quis desde logo consagrar-se a Deus, seus pais a obrigaram a casar-se segunda vez com um tal Blandino, que depois foi colocado no número dos Santos. Quando foram maiores de idade os cinco filhos que teve, com o beneplácito de seu esposo tomou o véu e fundou primeiro o mosteiro de Langres e logo o de Laon, onde morreu pelos anos de 663.)

São Maurício e seus Companheiros, Mártires

O martírio de São Maurício e de seus companheiros foi tão glorioso para toda a santa Igreja que não têm sido bastantes mais de catorze séculos para apagar sua memória nem para diminuir a veneração que todas as nações professam a estes grandes Santos. Por isso se pode assegurar que não houve sucesso nem mais glorioso para a Religião nem que fizesse mais honra a Jesus Cristo que o martírio deste grande Santo, acompanhado de toda a legião Tebana, que, no sentir de Santo Euquério, se compunha de seis mil seiscentos e sessenta e um homens.

Era São Maurício primeiro capitão ou coronel de um corpo de tropas que se chamava legião e se compunha então do número de soldados que acabamos de dizer. Chamava-se a legião Tebana, o que dá a entender que se havia levantado na Tebaida e só se compunha de gente daquele país. Havia merecido tanta reputação em todo o império romano pelo valor dos oficiais e pela intrepidez dos soldados que em todo o exército romano não havia corpo mais formidável aos inimigos nem mais estimado no mesmo exército. Esta legião tinha seu quartel no Oriente; isto é, na Síria e na Palestina. Os principais oficiais, depois do Coronel general, eram Exupério, que fazia as funções de major ou de tenente-coronel, e Cândido, senador do exército, isto é, intendente da legião.

Estando São Maurício de quartel de inverno com sua legião em Jerusalém e em suas cercanias, teve ocasião de conhecer e tratar Zambdas, bispo da mesma cidade; e, como Maurício era um homem despejado e de capacidade, logo que o Bispo, numa conversação que se ofereceu, lhe falou da excelência e da santidade da religião cristã, tornando-lhe visíveis os absurdos do gentilismo, desfeito em lágrimas à vista da miserável cegueira em que havia vivido até então, rendeu mil graças ao Senhor pela mercê que lhe fazia, abrindo-lhe os olhos; e, abraçando o Bispo com respeito e com ternura, rogou-lhe encarecidamente que o dispusesse para receber o santo Batismo.

Esta conquista consolou maravilhosamente o Prelado e a todos os cristãos, sendo inexplicável o gozo universal de todos os fiéis, o qual cresceu muito mais quando se soube que Maurício, imediatamente que se despediu da conversação do Bispo, foi direito a buscar os principais oficiais de sua legião e lhes falou com tanta energia e com tanta eloquência acerca da verdade da religião cristã que todos concorreram ao ponto desejosos de ser batizados.

Logo que Maurício e seu tenente Exupério se fizeram cristãos, converteram-se em zelosos missionários de toda a legião; e o Senhor lançou a bênção sobre seu zelo e seu amor a Jesus Cristo; de maneira que em muito breve tempo se fez também cristã toda ela.

Havia já cerca de dois anos que era Diocleciano imperador quando, no de 286, querendo remediar os alvoroços que excitava nas Gálias a sublevação dos bagaudas, povos do campo, que tinham por cabeças da sedição a Amando e a Eliano, resolveu associar-se um colega com quem repartir a pesada carga do império. Escolheu, pois, a Maximiano Hércules, homem cruel e inimigo mortal dos Cristãos. Associou-o e descarregou nele a guerra que era preciso fazer nas Gálias. Não tendo bastantes forças o exército que devia mandar Maximiano e temendo Diocleciano que o novo Imperador ficasse desairado naquela primeira expedição, determinou fortalecê-lo com a legião Tebana, reputada pelo melhor corpo de tropas do império. Ordenou, pois, ao coronel Maurício que marchasse à Itália com toda a sua legião e que se juntasse com o exército destinado a fazer a guerra nas Gálias. Imediatamente se puseram em marcha para a Itália Maurício e seus soldados, tão prontos a obedecer às ordens do Imperador como fiéis à Religião. O zelo dos oficiais correspondia a sua fé e a fé dos soldados ao zelo dos oficiais. Não se descobria neles outra emulação que a da virtude e a competência na devoção cristã. Mostravam em tudo sua fidelidade e sua constância, tanto no que deviam a Deus e a sua Religião como no que eram devedores aos Príncipes a quem serviam e ao Estado; sabendo enlaçar ditosamente o exercício das armas com a prática dos conselhos e das máximas do Evangelho.

Logo que São Maurício chegou a Roma com sua legião, sua primeira diligência foi visitar o papa São Marcelino, o qual de tal maneira soube confirmar a todos em seu zelo pela fé que todos a uma voz lhe prometeram perder antes as vidas que faltar à fidelidade de Jesus Cristo nem envergonhar-se de sua sagrada doutrina. Receberam as ordens do Imperador e marcharam a incorporar-se com o exército. Alcançaram Maximiano e passaram os Alpes pelo Milanês. O Imperador, fatigado da marcha, fez alto em Octoduro, cidade dos Veragros, que se crê ser Martinach ou Martigny, no Valais, e dispôs que as tropas que o seguiam acampassem numa grande planície. Era o Imperador tão supersticioso como cruel e mandou que todo o exército oferecesse sacrifícios aos deuses para implorar sua assistência contra os inimigos do império. Horrorizaram-se São Maurício, São Exupério, São Cândido e todos os seus soldados; e, passando à outra parte de Octoduro, foram acampar três léguas mais além, perto de uma aldeola chamada Ternade, entre as montanhas e o rio Ródano, a doze ou quinze léguas de Genebra e muito perto da ponta oriental do lago, entre o país de Valais, a Saboia e o cantão de Berna. Informado Maximiano desta novidade, enviou-lhes a perguntar a razão daquela retirada. Ficou estranhamente surpreendido quando entendeu que era por motivo de religião e que assim Maurício como toda a sua legião eram Cristãos. Sucedendo prontamente a cólera à admiração, e à cólera o furor, zeloso de sua autoridade, sobretudo nos princípios de seu reinado, mandou que ao ponto lhe obedecessem ou que fosse dizimada toda a legião. Mal se lhes intimou aos soldados o bárbaro decreto, quando todos a porfia se apresentaram para ser dizimados. Pôs-se em execução o decreto: sorteou-se de cada dez um e ao ponto se tirou a vida aos que caíram em sorte e foram receber a coroa do martírio. Facilmente podiam os demais defender seus companheiros, pondo-os neste estado seu valor e a vantagem do campo de fazer resistência a todo o exército; mas a nenhum passou isto pela imaginação. Longe de opor-se, tanto o oficial como o soldado olhavam com uma santa inveja os que tocava a sorte de dar a vida por Jesus Cristo, e não houve sequer um que não desejasse estar em seu lugar. Mas logo se lhes

cumpriram seus desejos. Noticioso o tirano da constância e da alegria com que aqueles soldados haviam padecido a morte por seu Deus e da inveja que lhes tinham os que ficaram vivos, os quais imediatamente depois da execução protestaram de novo que não obedeceriam a pessoa alguma que os quisesse obrigar a cometer sacrilégios; e que, sendo Cristãos, não podiam ter parte nos sacrílegos sacrifícios dos gentios: estando, enfim, determinados e resolvidos a padecer todos os tormentos antes que faltar na mais mínima coisa à fé que haviam abraçado: informado o tirano de tudo isto, redobrando-se-lhe a raiva e o furor, mandou que naquele mesmo dia se voltasse a dizimar de novo a legião. Logo que chegou ao campo esta notícia, não se ouviam nele mais que gritos de alegria, parabéns, regozijos e felicitações, lisonjeando-se cada um com a esperança de que lhe tocaria a glória e a dita do martírio. Aproveitou-se Maurício da ocasião e, como general, falou-lhes então com tanta energia, animando-os a tão gloriosa vitória, que todos suspiravam por aquela dita. Acabada a execução, voltou Maurício a juntar seus soldados e lhes falou desta maneira:

«Admiro vossa virtude, amados companheiros meus, e bendigo cem vezes ao Senhor por essa magnanimidade que vos comunicou, superior a todo humano valor. Vosso amor a Jesus Cristo é mais poderoso para encher-vos de esforço que a crueldade do César para intimidar-vos. Vejo a santa inveja com que olhais a sorte de vossos camaradas, desejoso cada um de que o número feliz lhe houvesse tocado a ele. À virtude superior da divina graça deveis esses generosos sentimentos; ela vos ata valorosamente as mãos para não fazer resistência. Que coisa mais fácil para vós que estorvar tão bárbara carnificina, estando com as armas nas mãos e sendo tão valentes como sois? Mas que lograríeis com isso? Impedir a vossos companheiros o ser Mártires e privar-vos vós de sê-lo também. Até agora somente sabíamos pelas atas aonde havia chegado a intrepidez dos primeiros Mártires de Cristo; mas já se nos entram por nossos mesmos olhos aqueles grandes exemplos. Rodeado me vejo de seus sagrados corpos: salpicado está meu semblante e apalpo tintos meus vestidos de seu glorioso sangue: à vista de tal exemplo, como é possível temer o dar a vida por Jesus Cristo? Louvamos todos sua constância, sinal certo de que todos desejamos merecer que se louve também a nossa. Já sabeis, amigos meus, que em outro tempo todos fizemos juramento de defender a república a risco de nosso sangue: isto prometemos aos Imperadores quando tomamos as armas em seu serviço, sem embargo de que então não tínhamos o menor conhecimento do reino dos céus e nossa própria honra nos empenhou em ser pródigos de nossa vida, sem esperança de outro prêmio. Será possível que havemos de ser menos fiéis a Jesus Cristo quando este nos promete uma glória imortal por recompensa? Oferecemos-lhe nossa fé quando recebemos o Batismo; e, ao vir aqui, renovamos-lhe em Roma esta promessa em mãos de seu Vigário; como teríamos atrevimento para faltar-lhe a esta palavra? Parece-me que já estou vendo no céu nossos companheiros, que em meio a seu triunfo nos estão convidando a que vamos participar de sua coroa. Poucos momentos há estavam conosco, e vede-os já em posse de uma eterna dita, de que não os poderão privar todos os Príncipes da terra. Vamos, pois, amados companheiros, vamos; e à sua imitação ofereçamo-nos generosamente ao martírio. Sigamos o caminho que eles nos abriram. Companheiros nossos foram em todas as empresas militares: imitemo-los na constância de sua fé, para ser companheiros seus na glória. Seja intrépido nosso valor na defesa da Religião: seja inalterável nossa fé em meio aos tormentos e mostre-se invencível nossa constância. A estes soldados que vão dar conta ao Imperador de sua expedição, roguemos-lhes que lhe declarem em nome de toda a legião que não há em toda ela nem um homem só que não se glorie de ser cristão e que não esteja pronto a derramar até a última gota de

seu sangue por amor de Jesus Cristo antes que ter parte em uns sacrilégios com nome de sacrifícios.»

Mal acabou de falar São Maurício, quando oficiais e soldados gritaram a uma voz: «Cristãos somos; e antes derramaremos nosso sangue até a última gota que fazer a mais mínima coisa contrária à lei de Jesus Cristo.» Deram parte a Maximiano desta generosa protestação os mesmos verdugos que haviam sido testemunhas dela; e, entrando em novo furor, mandou que se fizesse outra terceira dizimação no mesmo dia. Chegou a notícia ao campo, renovou-se o gozo de todos; e, esperando cada um que lhe tocasse a sorte, todos se dispuseram para receber o martírio. Tirou-se, pois, a vida aos que saíram dizimados, e até os mesmos verdugos se enterneceram vendo as lágrimas e a aflição dos que ficavam vivos por não lhes haver caído a sorte que anelavam. Acendido então São Exupério, um dos oficiais generais, em novo zelo da Religião, e dirigindo suas palavras aos soldados que haviam ficado: «Amigos, disse-lhes com resolução e com firmeza, se me vedes vir a vós com a bandeira da legião na mão, tende entendido que não é para que tomeis as armas. Venho animar-vos a outra sorte de combate, em que nos vence o amor e só triunfa a paciência. Nossos irmãos derramaram seu sangue por Jesus Cristo: espero neste divino Salvador que não se desdenhará de aceitar também o nosso. Supliquemos a estes soldados, executores das ordens do Imperador, que em nosso nome lhe apresentem um humilde memorial do teor seguinte:

«Senhor: soldados vossos somos; mas ao mesmo tempo somos servos do verdadeiro Deus, e assim o confessamos com toda a liberdade. A vós devemos o serviço militar e a Ele o preito de um coração puro e fiel. De vós recebemos a paga e d'Ele temos a vida. Não podemos obedecer vossas ordens enquanto forem contrárias às suas. Ele é nosso primeiro soberano e também vosso, ainda que não queirais: sempre que nos mandardes coisa que não lhe desagrade, encontrar-nos-eis tão rendidos e tão obedientes como nos haveis experimentado em todas as ocasiões; mas, quando o Imperador nos manda o que Deus nos proíbe, julgai vós mesmo, senhor, a quem devemos dar a preferência. Fácil nos teria sido vingar a morte de nossos companheiros; mas não o fizemos. Voluntariamente nos desarmamos todos para mostrar-vos que queremos morrer e não queremos pelejar, amando mais perder a vida sem faltar a nossa fé que sobreviver a nossos camaradas, sacrificando indigna e covardemente a vossos sacrílegos ídolos. Não nos atemorizam os suplícios. Enviai verdugos que nos sacrifiquem a nosso Deus, com a segurança de que encontrarão prontas as vítimas. Tirando-nos uma vida de curta duração, proporcionar-nos-ão outra que se perpetuará por toda a eternidade. Numa palavra, Cristãos somos, e nenhuma coisa será bastante para desquiciar nossa fé nem para dobrar nossa constância.»»

É provável que esta generosa resolução foi apresentada por escrito ao Imperador. Como quer que seja, Maximiano, desesperançado de vencer jamais aquela firmeza, sustentada por uma como conspiração geral, resolveu que perecesse toda a legião e mandou marchar todo o exército contra os Tebanos com ordem de fazê-los em pedaços a todos. Considerando-se então nossos generosos Mártires como vítimas que iam ser sacrificadas ao verdadeiro Deus, quiseram imitar o Salvador, que se deixou sacrificar como um manso cordeiro, sem abrir a boca. Baixaram todos as armas a exemplo de sua cabeça. Apresentou-se à frente São Maurício, como coronel daquela gloriosa legião de Mártires, e foi a primeira vítima. Caíram depois a seus dois lados São Exupério e São Cândido. Num instante cobriu-se todo o campo de cadáveres; inundavam todo aquele terreno os arroios do sangue inocente: nunca se viu semelhante carnificina sem combate, sem gritos e sem queixas. O

Imperador havia concedido o despojo dos santos Mártires aos soldados gentios; e, enquanto se ocupavam nele, chegou ao campo um soldado veterano, por nome Vítor, que ficou assombrado ao ver aquela horrível carnificina. Informado de seu motivo, exclamou sem poder conter-se: «Desgraçado de mim! Que, se houvesse chegado uma hora antes, teria parte em seu triunfo.» Conheceram todos por estas palavras que era cristão; confessou-o sem deter-se e no mesmo ponto foi sacrificado como todos os demais. Conseguiram a palma do martírio estes seis mil seiscentos e sessenta e um soldados de Jesus Cristo no dia 22 de setembro do ano 286, num sítio que então se chamava Agauno, pelos penhascos que o rodeiam e que depois do martírio destes Santos se fez tão célebre na Igreja com o nome de São Maurício, em cuja honra Sigismundo, rei de Borgonha, edificou um magnífico mosteiro.

Os corpos dos santos Mártires foram enterrados pelos camponeses do contorno no mesmo sítio de seu martírio, abrindo para isso grandes e profundos fossos, onde estiveram até o tempo dos imperadores Graciano e Teodósio, em que se fez seu descobrimento a São Teodoro, bispo de Octoduro, a cuja diocese pertencia Agauno. Com os milagres que obrou Deus quando se descobriram aquelas santas relíquias aumentou-se a devoção aos gloriosos Mártires e solicitaram suas relíquias a maior parte das igrejas. São Martinho fez expressamente uma viagem a Agauno para lograr algumas e enriquecer com elas sua catedral. Assegura-se que, havendo sido lançada ao Ródano a cabeça de São Maurício, aportou milagrosamente a Viena do Delfinado, onde foi recebida com grande veneração e colocada na igreja maior, que então se chamava dos santos Macabeus. Depois dedicou-se a São Maurício a catedral daquela metrópole, tomando-o a cidade por seu padroeiro.

Até as armas de São Maurício se conservaram com grande veneração. Carlos Martel quis servir-se de sua lança e de seu morrião quando deu batalha aos sarracenos. Os duques de Saboia levam sempre o anel do Santo, recebendo-o por mão do abade de São Maurício, e o deixam sucessivamente uns aos outros como o mais precioso sinal de sua soberania. Havendo-se retirado ao priorado de Ripaille o ano de 1434 Amadeu VIII, por sobrenome o Pacífico, primeiro duque de Saboia, fundou a Ordem militar de São Maurício pela devoção particular que professava a este grande Santo, padroeiro e protetor da Saboia. Os cavaleiros da Ordem levam uma cruz branca, cujos extremos representam a planta chamada trevo; e se diz a cruz de São Maurício. Carlos Emanuel agregou à Ordem de São Maurício a de São Lázaro, que era mais antiga; e, estando já como extinta a Ordem de São Maurício, solicitou e logrou o zelo de Emanuel Filiberto, duque de Saboia e muito devoto do Santo, que fosse restabelecida por uma bula do papa Gregório XIII, no ano de 1572, declarando-se o Duque por grão-mestre: confirmou-o o papa Clemente VIII no ano de 1603.

Nota

O corpo do glorioso São Cândido, depois de centenas de anos, foi levado ao mosteiro de São Cucufate do Vallès, no principado da Catalunha, onde Deus por sua intercessão tem feito grandes milagres, lançando os demônios dos corpos humanos, curando muitos de febres, dando vista aos

cegos, curando outros de dor de cabeça e obrando outras grandes maravilhas; cujos milagres se achavam num livro antigo do mosteiro, todos autenticados com testemunhas e escritos com aquela admirável singeleza dos antigos.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Annue, quæsumus, omnipotens Deus, ut sanctorum martyrum tuorum Mauritii et sociorum ejus nos lætificet festiva solemnitas, ut quorum suffragiis nitimur, eorum natalitiis gloriemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, a graça de que nos alegremos na festividade de vossos santos mártires Maurício e seus companheiros; para que nos gloriemos no nascimento daqueles em cuja proteção confiamos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do Apocalipse de São João.

Apocalipse 7,13-17

> **Latim:** 13 Et respondit unus de senioribus et dixit mihi : Hi, qui amicti sunt stolis albis, qui sunt ? et unde venerunt ? 14 Et dixi illi : Domine mi, tu scis. Et dixit mihi : Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, et laverunt stolas suas, et dealbaverunt eas in sanguine Agni. 15 Ideo sunt ante thronum Dei, et serviunt ei die ac nocte in templo ejus : et qui sedet in throno, habitabit super illos : 16 non esurient, neque sitient amplius, nec cadet super illos sol, neque ullus æstus : 17 quoniam Agnus, qui in medio throni est, reget illos et deducet eos ad vitæ fontes aquarum, et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum.

Português: 13 E respondeo hum dos anciãos, e me disse: Estes, que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são? e donde vierão? 14 E eu lhe respondi: Meu Senhor, tu o sabes. E elle me disse: Estes são os que vierão de huma grande tribulação, e lavarárão as suas roupas, e as embranquecerão no sangue do Cordeiro: 15 por isso estão ante o throno de Deos, e o servem de dia e de noite no seu templo: e o que está assentado no throno, habitará sobr'elles: 16 não terão

fome, nem sede nunca jámais, nem cahirá sobr'elles o sol, nem ardor algum: [17] porque o Cordeiro, que está no meio do throno, os guardará, e os levará ás fontes das aguas da vida, e enxugará Deos toda a lagrima dos olhos d'elles.

Reflexões

Enxugará Deus todas as lágrimas de seus olhos. Assim o sabe fazer o Senhor, e sempre o faz como Deus. Seguramente o salário excede muito o trabalho, e o prêmio faz grandes vantagens ao mérito. Oh, e que gozo causam no céu todas as desgraças e todas as adversidades desta vida! Com que gosto, com que doce complacência se olham então aquelas congojosas aflições, aquelas pesadas cruzes, aqueles amargos tragos que tanto horror nos punham neste mundo! Na doce estância dos bem-aventurados, como se convertem em honra, em riquezas, em consolo e até em delícias os desprezos, a pobreza, as enfermidades e até os suplícios padecidos por Jesus Cristo! Uma cruz de ouro, uma patente de coronel, uma pensão tem virtude não só para consolar-nos, mas para comprazer-nos à vista de um braço cortado, de uma disforme cicatriz que nos afeia, de uma saúde inteiramente estragada: pois com que olhos se olhará no céu tudo aquilo que se padeceu por amor de Deus! *Non sunt condignæ passiones hujus temporis.* Então sim que se exclama com segurança: bem certo estou de que as aflições da terra não têm proporção alguma com a glória presente. Então sim que se conhece quanta é a dita dos Santos do céu. Então sim que se compreende ser tanta esta dita que não há vozes para explicá-la nem obras capazes de merecê-la. Não há coisa neste mundo que nos possa dar ideia justa dos imensos bens que gozam os Santos na glória; mas sobejamente conhecemos os inumeráveis males de que estão isentos. Queres ter alguma luz da bem-aventurança da outra vida? Pois considera-a livre de todas as misérias desta. Dores, tristezas, temores, inquietudes, desgostos, pesadumes, tudo está desterrado da feliz mansão dos bem-aventurados. Não se aproxima daquela santa cidade coisa alguma que enfade, que moleste nem que ligeiramente mortifique. Reina na Jerusalém celestial uma alegria pura e cheia, uma calma inalterável. Ah, Senhor, e que homem da terra poderá compreender as inefáveis doçuras que gostam os escolhidos no céu! Não só possuem nele tudo o que desejam, mas tudo o que necessitam para não desejar mais. O coração está cheio, a alma saciada e satisfeita. É uma torrente, é um oceano de puríssimas delícias o que inunda os bem-aventurados. Aquela sua incompreensível felicidade já não se compõe de todos os bens juntos, mas da mesma fonte de todos os bens, da onipotência de Deus, da posse do mesmo Deus. Não é já a alegria do Senhor a que entra no coração dos Santos. Seria espaço muito estreito, seria muito limitado para que gostassem aquela torrente de delícias: a alma dos Santos é a que entra, a que deliciosamente se perde, por assim dizer, com a alegria do Senhor, e sempre são muito débeis nossos maiores desejos por esta desmedida felicidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** [9] Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. [10] Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. [11] Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. [12] Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : [13] continget autem vobis in testimonium. [14] Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : [15] ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. [16] Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : [17] et eritis odio omnibus propter nomen meum : [18] et capillus de capite vestro non peribit. [19] In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: [9] E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. [10] Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. [11] E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. [12] Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: [13] e isto vos será occasião de dardes testemunho. [14] Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: [15] porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. [16] E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: [17] e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: [18] entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. [19] Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Que não há na terra outro verdadeiro mal senão o pecado

Primeiro ponto

Considera que não há na terra outro verdadeiro mal senão o que nunca pode reputar-se como bem, o único que nos priva do verdadeiro bem e da fonte de todos os bens: tal é o pecado.

Olhe-se por onde se olhar, sempre é pecado. Julguemo-lo como Deus o julga: eternamente será objeto de seu ódio e de sua cólera: eternamente o será de nossa amargura e de nosso arrependimento: pois como o pode ser agora de nossas ânsias e de nossa complacência?

Todos os que no mundo chamamos males, em tanto o são em quanto são consequências do pecado. O pecado é o que inundou a terra de tantas calamidades: ele acendeu as chamas do inferno: o pecado é o que faz no mundo tantos infelizes: reina a alegria e a tranquilidade onde reina a inocência. Sendo Deus um bem infinito e sendo ele mesmo todo bem, não pode comunicar outra coisa. E esta é a ideia que se tem do pecado? Mas será o pecado menos mal, será menos pecado porque se tenha dele outra ideia?

Essas concorrências da diversão, de onde sempre está desterrada a inocência, esses divertimentos mundanos sempre perigosos, esses espetáculos, essas festas profanas, origem fatal de tantas desordens, são porventura boas provas de que se professa grande horror ao pecado? E até as pessoas que não vivem tão desordenadamente, vivem sempre com a maior inocência? Familiarizam-se os homens com o pecado; mas familiarizar-se-ão igualmente com os tormentos que lhe correspondem? Ah, Senhor, e que mal tenho conhecido o pecado até aqui! Mas quanto o detesto agora! Aumentai minha dor e perdoai-me meus pecados.

Segundo ponto

Considera que sem razão chamamos males àquelas coisas que podem contribuir para nosso bem. Tudo pode aproveitar a uma alma fervorosa, menos o pecado.

As desgraças, as enfermidades, as perseguições, a pobreza e até a mesma morte: tudo isto pode contribuir para fazer-nos felizes, posto que tudo pode servir para fazer-nos santos.

Poucos Santos há que, por assim dizer, não devessem às perseguições, às adversidades e aos trabalhos pelo menos algum grau de sua elevação na glória. Que não deveram os Mártires aos suplícios? «Vossos parentes e vossos amigos vos perseguirão, diz o Salvador; mas nem por isso sereis mais desgraçados. Toda a raiva, nem toda a malícia dos mais cruéis tiranos será capaz de arrancar-vos um só cabelo de vossa cabeça.» O que está em graça de Deus, o que é querido de Deus, que tem que temer? É grande erro ter por mal e por desgraça o aborrecimento do mundo quando o mundo nos aborrece porque amamos a Deus e porque servimos a Deus. Que favores não ofereceu o mundo a São Maurício! Com que vantajosos partidos não o brindou para pervertê-lo! E depois que se negou a suas enganosas promessas, com que suplícios não o ameaçou! Mas com que valor desprezou o Santo assim as carícias como os tormentos do tirano! Perdeu a vida antes que perder a amizade de Deus. Quando discorreremos nós assim? Quando raciocinaremos sobre estes mesmos princípios? Estima-se hoje o pecado pelo maior de todos os males? Passa sequer por mal entre aquelas pessoas que têm gosto, que fazem vaidade de cometê-lo? Chama-se mal a perda de um pouco de fazenda, uma aflição, uma perseguição, uma desgraça, que talvez são origem de mil celestiais bênçãos, segundo os desígnios da divina Providência. Mas tem-se o pecado por grande mal quando se o considera meio proporcionado para fazer fortuna?

Em que cegueira, meu Deus, vivi eu até aqui! Perdoai-me minhas iniquidades e ouvi benigno meus rogos. Fazei, Senhor, que padeça todos os tormentos, fazei que sofra todos os males desta vida antes que cometa jamais um só pecado.

Jaculatórias

Ai de vós, homens ímpios, que abandonastes a lei de vosso Deus! (Eclo 41.)

Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo, sendo vítimas de sua cólera. (Hb 10.)

Propósitos

1. Concebe tão grande horror ao pecado que estejas pronto a perder os bens, a saúde e a mesma vida antes que perder a graça. Muito digno de lástima serias se te achasses em outra disposição. Mas, como de nada servem as melhores máximas se não se reduzem a prática, sempre que a ti ou a outros suceda algum contratempo, toma o santo costume de dizer-te a ti mesmo: não há outro mal senão o pecado; consolemo-nos com que esta perda dos bens ou da saúde nos pode ser proveitosa; livrai-me, Senhor, de todo pecado, pois não temo qualquer outro mal.

2. Aproveita-te de todos os acidentes que te sucedem no discurso da vida para dizer a teus filhos, a teus amigos e a tua família que só um mal se deve temer no mundo e que este mal é o pecado. Seja este como teu comum provérbio. Repete-o sem cessar a teus filhos e dize-o a ti mesmo cem vezes ao dia. Não te perdoes nem as mais leves mentiras oficiosas, nem as restrições mentais, que são verdadeiras mentiras disfarçadas, nem as menores impaciências: tudo o que pode lastimar ainda ligeiríssimamente a caridade deve ser vedado para ti. A demasiada indulgência contigo mesmo e a pouca com os demais é de ordinário origem de muitas faltas. Deve causar-te horror tudo o que possa ofender o próximo por leve que seja e tudo o que tenha sombra de pecado. A imagem só de um monstro espanta e atemoriza. Repete muitas vezes aquelas belas palavras: *Malo mori quam fœdare animam meam*: Antes quero morrer que manchar minha alma com a culpa. Não te contentes com ter horror ao pecado: tem o mesmo a todas as ocasiões de pecar e foge delas como do pecado mesmo. Não se detesta o pecado quando não se aborrece a ocasião.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:50 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:50 by Admin